

## PRA QUEM REZAVA MARIA PADILHA?<sup>1</sup>

Tatiana Lohmann<sup>2</sup>

Sandra Lessa<sup>3</sup>

Este é um texto entesourado. Feito por duas mulheres que se colocaram no exercício do bando. São vozes de duas experiências que se encontram no cruzo<sup>4</sup> da rua.



---

<sup>1</sup> Indicado ao prêmio Marielle Franco de ensaios feministas (2021).

<sup>2</sup> É diretora, montadora e fotógrafa. Realizou curtas de ficção, documentários e séries para a MTV, TV Cultura, Nat Geo e TV Brasil.

<sup>3</sup> Doutoranda em Artes da Cena pelo Instituto de Artes do Programa de Pós-Graduação da UNICAMP. Possui mestrado em Artes da Cena pela UNICAMP e graduação em Comunicação das Artes do Corpo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2009). Tem experiência na área de artes, com ênfase em artes cênicas, atuando principalmente nos seguintes temas: performance, oralidade, arte contemporânea, educação e saúde.

<sup>4</sup> Usamos a palavra cruzo a partir do terreiro e a partir das elaborações conceituais poéticas de Simas e Rufino (*Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*, 2018): “os cruzos atravessam e demarcam zonas de fronteira. Essas zonas cruzadas, fronteiriças, são lugares de vazio que serão preenchidos pelos corpos, sons e palavras. Desses preenchimentos emergirão outras possibilidades de invenção da vida firmadas nos tons das diversidades de saberes, das transformações radicais e da justiça cognitiva”.



## Ouvi uma vez num terreiro:

“você não tem Pombagira, você tem Cigana”. Na época não conhecia nem uma nem outra para além de vagas imagens estereotipadas. Conteí pra uma amiga, já mais versada no babado, e ela riu. “Hahaha. Você..? Não tem Pombagira...?”. Leia-se dessa resposta que eu era uma moça dona do próprio corpo e desejos, bem à vontade pra me expressar erótica.

Vale notar que o termo “tem”, “tem Pombagira”, nos muitos jeitos populares de se mencionar aspectos dos mundos de lá que tocam o de cá, pelas perspectivas das religiosidades cruzadas do Brasil, diz respeito a conexão. Conexão com esta entidade conhecida nas Macumbas, Umbandas e Quimbandas, a Pombagira. Uso o plural pra estas religiões de terreiro porque são plurais mesmo, cada casa tem cultura própria, às vezes até mitologia própria. E a Pombagira, avatar do feminino livre e erótico, é certamente das forças cuja manifestação é mais divergente, a depender da casa e do tempo histórico, pois confronta códigos morais. Afronta o estereótipo machista da mulher recatada e do lar. Por conta disso, o velho método de “desmoralização” patriarcal pode fazer dela, mesmo dentro da cultura de terreiro, um arremedo do que ela é. É capcioso, pode parecer confuso, mas estamos falando mesmo de pressupostos morais que estão em processo de revisão e superação. E, sobretudo, de uma força vital transgressora.

Falo da perspectiva de quem é de terreiro. Mas podemos olhar por outras chaves. Pela psicologia, e aí falaríamos de arquétipo, ou de mito. Pela astrologia, e falaríamos de influências planetárias (e de arquétipo e de mito). Pela antropologia, e olharíamos para as diferentes matrizes culturais que formam o Brasil, dos povos originários aos africanos diaspóricos, dos brancos colonizadores aos degredados brancos, ciganos e árabes, cada qual com sua percepção de mundo com relação à coexistência de dimensões visíveis e invisíveis e de seres que ali habitem, assim como com relação às trocas possíveis entre estas dimensões. Somos filhos de cruzos. E alias, foi no cruzo, e numa gargalhada, que a Pombagira deu as caras por aqui.

Uma das histórias de sua manifestação primeira conta que, durante um cortejo do Maracatu Leão Coroado, em Recife, uma mulher negra dançava e dava gargalhadas estridentes. Os participantes perguntaram seu nome e ela disse: “sou a Rainha Maria Padilha



e vim para festejar!”. Noutra ocasião, com outra moça, deu nome completo: Maria Padilha de Castela.

Castela..? Bem longe daqui. Quem pesquisou esta história, como a professora e escritora Marlyse Meyer (1993), conta que existiu uma Maria Padilla que foi coroada, no século XIV, Rainha de Castela - reino da atual Espanha. Só que ela tinha morrido há nove meses. Foram precisos nove meses de túmulo pra gestar a Rainha.

Nascida Marí Diaz, foi amante do Rei Pedro I de Castela, preferida por ele à consorte oficial, Doña Branca. Esta, morreu jovem, e correu o boato de que teria sido por obra de Marí Diaz, versada que era em magia. A essa altura, já era conhecida como Maria Padilla, e muito falada, pois ainda era linda e sedutora. Mas, se era boa de feitiçaria, não foi o suficiente para evitar o mesmo destino da esposa do rei: Maria Padilla morreu aos 24 anos, diz-se que de causa natural. Já não era só amante do Rei, mas mãe de filhos dele, que enfim sagrou a morta como Rainha de Castela. A rainha póstuma virou mito com o passar do tempo, alimentando histórias e sendo louvada e invocada por mulheres de magia e de fé cujas práticas se davam nas bordas da religião oficial, o Catolicismo, que em Castela ainda vivia as precondições para o que viria a se instaurar como o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Maria Padilla seguia sendo conjurada, por mulheres de toda a Península Ibérica, para interceder em demandas de amor e sedução. Tal prática não tardou a condenar estas mulheres – quando não à fogueira – ao degredo em terras brasileiras, como punição por crimes de feitiçaria.



8  
♦



♦  
8

A MULHER ESPLENDOR

C. R. U. Z. O.

01

†

**Conheci Maria na rua.** Eu estava vestida de purpurina. Eu quase não estava vestida, na minha pele habitava o carnaval. Já Maria tinha a pele de passado e vinha sambando história. Antes de lhe encruzar na rua eu só a conhecia de fama e mantinha de longe uma admiração tramada por medo e desejo.

Ela descia ladeiras sambando desenterrados passos e entre as pausas do repinique rajava gargalhadas. O escarcalho solto me deu graça e, pela sua Graça também ri. Riso alto: era carnaval.

No fremir solto do meu riso minha coluna aqueceu inteira. Eu tinha as “costas quentes”. O pulso dos meus pés ficara mais intenso, eu sentia o som da bateria inteira ressonar nos ossos. Olhei para o céu e fui tomada por uma reza orgástica de Santa Teresa onde me apaixonei instantaneamente pelo azul em pleno dia, eu sentia o céu no sangue.

Minha boca estava vermelha e já não podia acanhar meu sorriso e sim, eu rebojava. Foi nesse entrelaçamento que nossas pernas se costuraram. No transe do rebolado e no batuque de uma bateria de escola de samba meu corpo tornou-se nosso.

Eram muitas pessoas ao meu lado, mas ninguém notou que eu já não era mais uma, eu era um bando. Eu era uma quadrilha toda. Desde desse rito na rua da cidade o meu corpo ficou a-bem-suado por ela. Nas benções de Maria nosso samba misturava Brasil, África e Andaluzia e nós nos transcendemos entesourando as ladeiras, eu sabia que limpávamos mazelas das ruas na nossa passagem. Meu corpo re-movia em festa os seus interditos. Eu também era Maria. E isso tudo não era somente um contato metafísico, era sobretudo uma memória que acordava em mim. Nada era novo, oposto era tudo muito antigo e era de uma alegria explosiva.

Na rua fui iniciada na transgressão ao patriarcado em pleno carnaval. Meu corpo inteiro compreendeu o fato histórico que trouxe a mítica de Padilha para o Brasil, naquele lindo maracatu onde a negra que lhe abrigava no corpo gritou seu nome: era a Rainha! Há tempos o Brasil é um in-corpo de padilhas enrailhadas.

**Maria Padilla seguia sendo conjurada**, por mulheres de toda a Península Ibérica, para interceder em demandas de amor e sedução. Tal prática não tardou a condenar estas mulheres – quando não à fogueira – ao degredo em terras brasileiras, como punição por crimes de feitiçaria.

Não foram poucas as mulheres portuguesas e ciganas degredadas para o Brasil. Muitas se estabeleceram por aqui sobrevivendo das mesmas práticas que as condenaram ao degredo, fazendo larga clientela com suas rezas, benzimentos, invocações, aconselhamentos e oráculos. Não eram as únicas a viver das artes mágicas. O Brasil Colônia abrigava muitas pessoas negras libertas ou filhas de encontros sexuais entre as diversas etnias que aqui conviviam, no mais das vezes em relações marcadas pela violência, e que eram praticantes de formas diversas de curandeirismo, a partir do cruzamento entre estas culturas. Tudo isso seguia em constante tensão com a Igreja Católica, que vivia de mãos dadas com o Estado, ora tolerando estas práticas que garantiam algum cuidado a pessoas carentes que o sistema de saúde colonial não dava conta de abarcar - ou não queria. Mais frequentemente, reprimindo e estimulando o repúdio moral.

Foi no imaginário e nos conjuros destas mulheres degredadas que Maria Padilha aportou aqui. Mas porque ela se manifestou pelo transe da dança no corpo de uma mulher negra e disse seu nome em alto e bom som, na rua?

Bom, esta é a que pode ter sido uma primeira manifestação pública de Dona Maria, como ela mesma se apresenta às vezes. Vai saber o que não acontecia no segredo das alcovas ou nas saletas das cartomantes. Fato é que ela passa a se manifestar seguidamente, no Nordeste e principalmente no Rio de Janeiro, nas chamadas Macumbas Cariocas, que talvez possamos chamar de “uma avó mais preta da Umbanda”, onde fez amplo reinado como mestra e doutora em assuntos do amor mundano e do feminino. Ali ela reina até hoje. Experimente dar uma volta pelos subúrbios cariocas e ateste se não é o nome dela pixado em vermelho debaixo de pontes e viadutos...

Maria Padilha se estabelece como entidade da Linha de Esquerda<sup>5</sup>, com a qual nem toda casa de Umbanda trabalha/va (ou pelo menos não reconhecia), pois que a Umbanda já

---

<sup>5</sup> Esquerda e direita são conceitos relacionados às culturas de terreiro e religiões afrolatinas. Uma vez que estas não são essencialmente maniqueístas, o polo "negativo", ou "de esquerda", não é considerado

é fruto de cruzo com o Kardecismo e o Catolicismo Popular, num arranjo que tem na dicotomia bem/mal uma reprodução da moralidade vigente na época (já estamos agora no começo do século XX). As outras influências que formam a Umbanda – os originários da terra que o colonizador batizou de Brasil, e os africanos que pra cá vieram escravizados – compõem uma miríade de povos, que não necessariamente compartilham desta mesma visão dicotômica. A disputa colonial se dá portanto também no campo da Umbanda, onde o que nasceu cruzado e amplamente ancorado no culto aos orixás africanos, nas práticas de transe africanas, nas técnicas mágicas das pajelanças e nas figuras de caboclos/as e pretos/as velhos/as, foi submetido a contornos morais kardecistas e católicos. Quando a disputa se fazia incontornável, Maria Padilha e toda a Linha de Esquerda, onde seus companheiros principais são os Exús e Seu Zé Pelintra, iam trabalhar na Quimbanda, tida frequentemente como magia negativa<sup>6</sup>. Mas a pecha indica que estas personagens representam o que a colonialidade machista não reconhecia como legítimo. Ou então sabia, e sabe muito bem, que é perigoso para o seu projeto de dominação. Todo o campo do erotismo, de uma energia vital aplicada não só à sexualidade, mas à vida em cada aspecto. Energia vitalizadora de possibilidades criativas, de revide, de reinvenção, de resistência criativa. Assim como um tipo de magia ligada à vida cotidiana, ao desembaraçar dos nós e armadilhas colonialistas, um saber que opera reinvenções, um jeito de viver malicioso no melhor sentido – de não deixar ninguém nos fazer de bobas – criativo, libertário, bem assentado no corpo, certamente pouco afeito às manipulações e apagamentos impetrados pelo capitalismo. Que seria de um povo que fosse, todo ele, amigo e aprendiz de Exu, Pombagira e Zé Pelintra...

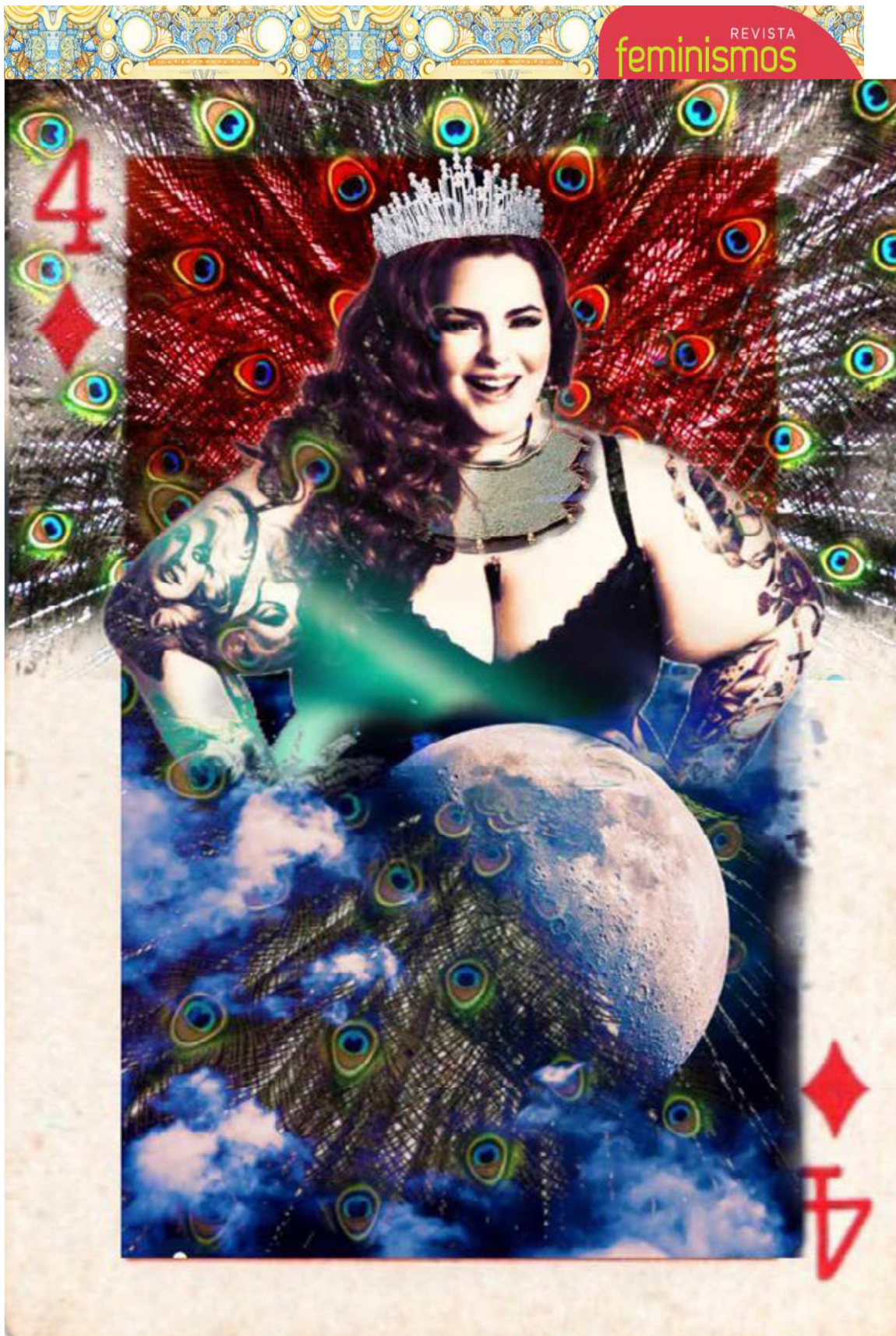
---

pejorativamente algo maligno. Nessas culturas e religiões a “linha da esquerda” é guardada pelos domínios de entidades encantadas conhecidas como Exus e Bombogiras ou, Pombagiras.

As entidades da esquerda suscitam o paradoxo e a vitalidade. Na encruzilhada - o local sagrado para a “esquerda” - habita a metaestabilidade e a equalização da ordem da vida através do movimento. Os cultos às entidades que regem a “linha da esquerda” são ligados à matéria, à vida e à proteção, por isso saudamos esses encantados como guardiães e guardiões.

<sup>6</sup> As religiões de matriz africana sofreram e sofrem até hoje preconceito e até violências por parte de setores conservadores da sociedade, que demonizam suas práticas.





C.R.U.Z.O.

02



**Um espelho de bolsa.** Foram inúmeras as vezes em que ouvi em ritos, bares e ruas “preciso domar a minha Pomba Gira”. Luxúria, lascívia e confusão amorosa acabaram colando na figura desta entidade num fenômeno revelador dos conceitos balizares numa sociedade patriarcal. Essas caricaturas encontradas da Pomba Gira expõem-se na mítica de sua maior representante, Maria Padilha, vista como uma senhora de uma feminilidade demoníaca, vulgar e sexualmente indomável.

A associação da mulher livre com o demônio percorre mundo desde os movimentos inquisitoriais e amparou a estruturação deste que foi um dos maiores genocídios da humanidade, forjando em nós a herança da misoginia. O movimento também conhecido como “caça às bruxas” foi estruturante para a construção da imagem do corpo colonizado e proletariado, qual a adoração do demônio nasce junto com a poderosa ferramenta de subjugação dos moradores do Novo Mundo. Debrucei-me nesse imaginário que narra a invasão das Américas, bastante interessada em levantar esse antigo espelho onde meu corpo é refletido desde criança.

De fato, o corpo da mulher latina encarnou o diabo e fixou-se nesse estereótipo pornográfico que nos divide entre vagabundas ou adequadas. Escavei um espelho no fundo da bolsa onde mirei-me e fiz a minha escolha.

Diante do reflexo que me delineava, encontrei a rigorosa pesquisa da historiadora Laura Mello e Souza (2009), a quem agradeço o extenso trabalho sobre feitiçaria nos tempos do Brasil Colonial. A autora analisa centenas de confissões nos autos inquisitoriais e conta em tons de sussurros - a minha própria voz cochicha enquanto lê - a chegada das bruxas portuguesas degredadas, trazendo em suas vozes oprimidas rezos devotados a uma antiga Rainha. Maria de Padilha está presente nos autos inquisitoriais como amante carnal do diabo. Além da curiosa situação histórica de que é sua tataraneta quem assina, junto ao marido Fernando de Aragon, a Inquisição nas terras espanholas cujas bruxas clamavam o nome da feiticeira do amor. A mesma inquisição que arrastou



bruxas ibéricas para as colônias - seria um carregamento familiar? A chegada de Maria também inaugura em terras brasileiras a noção que demoniza a mulher ousada, livre e transgressora.

Não é uma história nova nem de estilo muito criativo, essa onde uma mulher transgressora dorme com o diabo - entre nós Lilith é mito judaico-cristão fundante da degredada. Mas o curioso cruzo é que nessas terras invadidas é que o mito ganha corpo: o corpo das mulheres latinas americanas. Vale lembrar que um mito só se atualiza no rito quando é narrado, e nosso corpo é o terreiro onde ele vivifica. Maria Padilha é chefe de terreiro e sua figura articula uma dualidade que forja em nós tanto a celebração da liberdade erótica como também o seu estereótipo. Se por um lado nossa cultura celebra a erótica da mulher brasileira, no mesmo ponto a considera vulgar, depravada e perigosa, impondo os castigos da violência física, moral e social. Ela é o diabo!

Ora, se você ouvir a frase “preciso domar a minha Pomba Gira”, desconfie da pasteurização remontada a esta entidade encantada, pois será a força de sua desordem a única capaz de reorganizar ontologicamente a epistemologia do nosso mundo eroticamente desencantado.

Maria Padilha, cujo libido sobrevive à sua própria morte, quem me ensinou que o espelho é uma das suas ferramentas de magia. Uma superfície que reflete em raios luminosos as imagens diante dele a que nem a luz do sol atravessa. Nele reflete-se a maior beleza e o maior perigo que existe: cada uma(um) de nós. Numa sociedade viciada na autoimagem, é no espelho que nos encontramos e também nos perdemos. Desenterrei do fundo da bolsa o livro e vi que ele era um espelho, eu não sei se estava lendo um livro ou se estava me lembrando de algum reflexo meu. Sei que lembrar é também despertar algo adormecido. O que lia sobretudo eram vozes narradoras de Maria, era um bando de mulheres oprimidas e, portanto, elas eram da geografia da rua.

...

*Que seria de um povo que fosse, todo ele, amigo e aprendiz de Exu, Pombagira e Zé Pelintra?*

Uma vez a mesma amiga que citei no começo me disse: “o que seria magia negativa senão usar a energia alheia em proveito próprio?”. Se não define tudo, define bem. Digo isso porque





certamente que muito disso aí também aconteceu, no âmbito dessa religiosidade cruzada - que não sejamos ingênuas. Mas não é privilégio da Linha de Esquerda. Aliás, nem das religiosidades cruzadas. Histórias de manipulação, enriquecimento e abuso sexual (“usar energia alheia em proveito próprio”) abundam, infelizmente, em todas as religiões. E parece que vivemos um tempo em que as denúncias e responsabilizações estão mais frequentes. Assim seja!

Pois que tem mão de Maria Padilha aí também...

Afinal, percorrendo novamente o fio: uma mulher que foi julgada por ser versada em magia (o que pode significar muita coisa, às vezes não mais que saber usar as potências das ervas) e impedida de se casar com o homem que amava, cruza o oceano trazida no escapulário de mulheres que são expulsas de sua terra por manifestar seu credo e suas práticas ancestrais, e se manifesta no corpo de uma mulher negra, em transe, na rua. Uma mulher cuja mãe, ou quem sabe ela mesma, pode ter sido assediada sexualmente por um senhor em cuja casa trabalhava, todos os dias. O que anuncia a manifestação, o que abre a porta para a chegada de Maria Padilha, é a boca: uma sonora gargalhada. Despudorada, livre, brotando da dança, de um maracatu no meio da rua! KKKKK!

Maria Padilha vem clamar, gargalhando e gingando, pra todo mundo ver:

**LIBERDADE!**

EU SOU A QUE SOU, já diria, em homenagem a essas Marias, minha amiga que venho citando desde o começo, e agora nomeio, a poeta e multiartista Claudia Schapira.

Maria Padilha vem fazer justiça. Ela vem ajustando: rodopiando corpos, acendendo a libido que é força criativa, força de vida, dando um requebro na cara da opressão patriarcal cujo projeto de dominação dos corpos femininos, de apropriação dos ventres geradores de força de trabalho, de deslegitimação dos modos de ser que não se enquadrem em seu projeto de morte, tem, a depender dela, seus dias contados. Ela vem aconselhando mulheres que não se submetam a violências domésticas, que amem o que veem quando se olham no espelho, que não tenham vergonha de sentir tesão, de expressar seu erotismo do modo como a cada uma lhe sobe à pele, que usem a roupa que bem quiserem, que libertem-se dos papéis que a sociedade tenta lhes impingir. Pombagira é afrontosa.

Ela inspira, protege, aconselha, vitaliza quem desanimou. Outorga ânimo de viver, sua gargalhada descarrega o panema, a má sorte, a preguiça, o encosto, liberando prazer de





ser quem se é. Espantando atrapalho. Acendendo fogo. Sua saia rodopia o estagnado, seu leque espanta coisa malparada, doença e má sorte. Seu fogo serpentino não escolhe gênero e pode subir pela coluna de quem se abrir pra ela. De quem se abrir como uma flor, uma rosa vermelho sangue, cheia de espinhos.

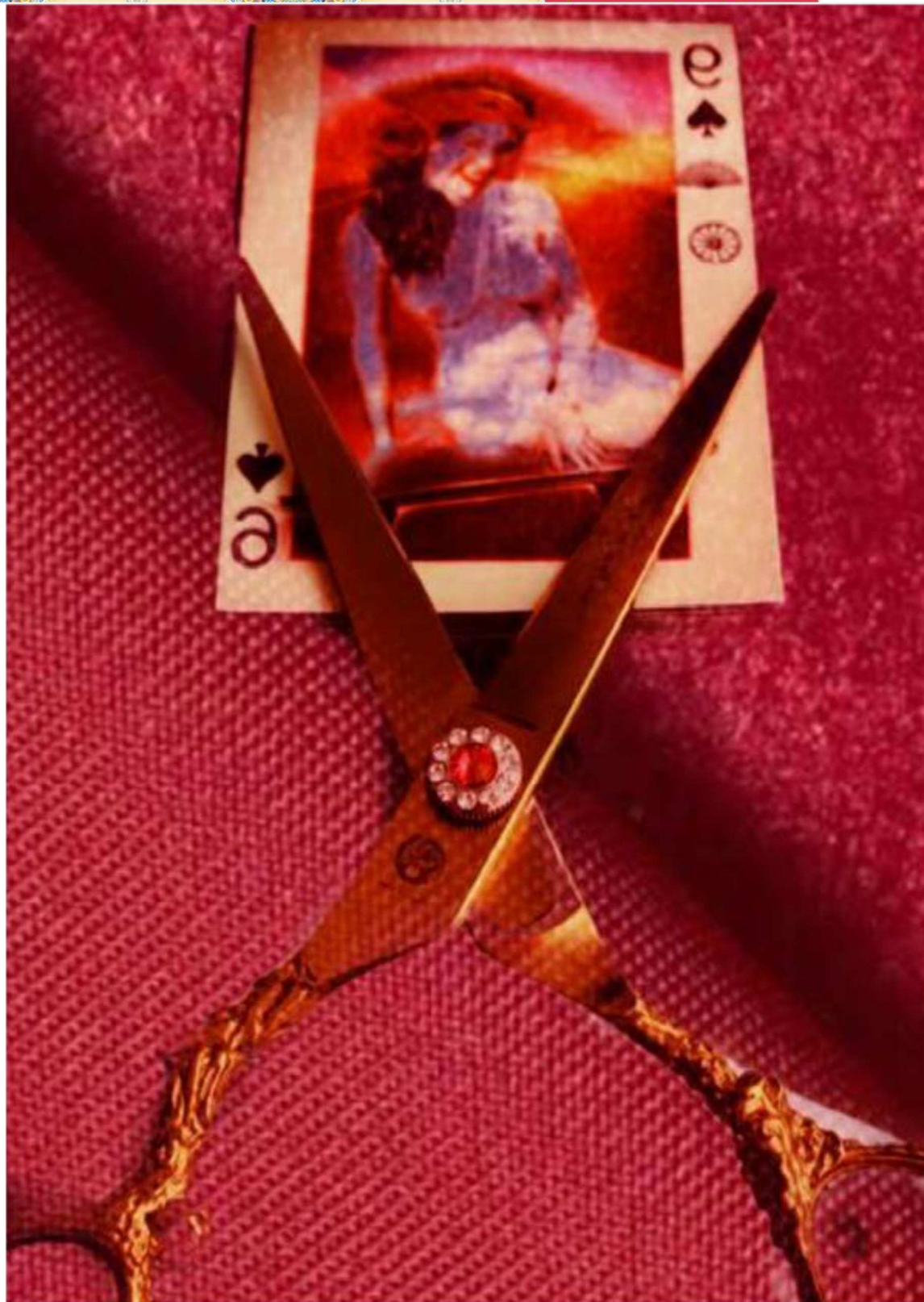
Comigo ela foi esperta. Quando começou a me visitar, veio na face velha senhora, que pra mim era mais fácil de acolher, pois tinha muito medo de cair nas tentações do estereótipo altamente fascinante da bela mulher. O que ela também é, claro. Óbvio. Qual o problema? KKK. Mas cada qual tem sua porta de entrada, ou não - ela pode estar uma vida toda tentando descobrir por onde você lhe dará permissão de chegar.

Comigo, vir pelo campo da velha mandingueira deu certo. Quem se recusaria a ouvir sua voz de sabedoria? Desde então ela vem mostrando muitas faces, pois é senhora de limiares e guarda mistérios de todas as vibrações – os reinos do Amor, da Justiça, da Lei, da Geração, da Evolução e da Fé, segundo uma das codificações da Umbanda.

Maria Padilha abriu a porteira para uma falange de Moças (outro nome que Elas gostam): Rosa Vermelha, Rosa Caveira, Maria Navalha, Sete Saias, Maria Molambo, Maria Quitéria... e muitas mais. Que ainda virão. Isso é cultura de Umbanda. Macumba. Cultura brasileira. Aquelas aulas que eu tinha na infância, na época nomeadas “folclore”, hoje, mesmo se rebatizadas, talvez, como “cultura popular brasileira”, são obsoletas se não incluem Pombagira, Zé Pelintra, Preta Velha, Caboclo, Boiadeira, Erê, Marinheiro.

Quer olhemos pra Pombagira como um espírito, uma falange, um mito ou uma figura arquetípica, é fato sua presença nos terreiros e no imaginário brasileiro. Cabe a nós combater os estereótipos, ou ampliar o escopo de tudo o que ela representa. Há quem diga que ela veio expressar a face erótica represada quando os orixás africanos adquiriram aqui feições mais bem comportadas. Pode bem ser, ela detesta a bem comportada. Mas ela é o que é, em si mesma. Senão, cumprida a sua função de redimir as mulheres e o feminino - o que há de acontecer, ela diz! – Pombagira sumiria, envolta em bruma escarlate?

Pois então, se Maria Padilha, Rainha de Castela, era versada em magia, pra quem ela rezava?



**A tesoura entrou nos meus ouvidos.** Estava culturalmente acostumada a ouvir a concretude das coisas buscando nelas as dimensões de realidade e verdade. Minha escuta sofria entupimento de cera constituída na lógica de mundo materialista. Se os ataques coloniais passam pelo corpo como produção de lucro, o corpo feminino como aparelho reprodutor, a imponência da virilidade do homem, por fim ataca nosso imaginário ordenando o capitalismo como religião. Isso nos estragou a percepção de mundo e entupiu nossas escutas ensurdecendo utopias. Para destampar a cera deixada pela máquina devoradora de mundos, eu precisava das lâminas afiadas de Padilha.

Já era a hora de escutar o vento e as águas que estão no mundo antes de qualquer uma(um) de nós, os quais até mesmo a “santíssima ciência” já certificou que carregam memórias. É preciso ouvir os mortos, os objetos, as ruínas, os rastros, para que se garanta a ancestralidade do futuro. Walter Benjamin (2012), descrevendo sua noção de experiência, denuncia a nossa crise de percepção de mundo. Deixamos de nos dedicar a ler o “campo áurico” das coisas e nos fixamos nas coisas em si, atribuímos valor aos fatos desde que sejam factuais e entramos numa crise histórica onde consideramos uma história única chamada por ele de História dos Vencedores. Benjamin nos convida a ouvir nas ruas a história a contrapelo e escavar memórias que revelam vozes oprimidas. Escuta é transgressão que permite ampliar, contrariar, rebelar e rebolar.

Enfiando a ponta afiada da tesoura de Maria, escutei a sua voz falecida convidando-me a lhe entregar alianças no seu sepulcro em Sevilha. A esta altura já estávamos tão íntimas que não poderia negar o convite de conhecer a sua antiga morada. No mais, sabia que nesse “ebó<sup>7</sup>” encontraria memórias adormecidas no tempo. Meu desejo era/é chegar numa memória antiga e conseguir ouvir esse conjunto articulado de tradições pro qual inclusive o sonho integra. Eu precisava ser médium, ou seja, mediadora dessa escuta, para que as

---

<sup>4</sup> Nos cultos afro-brasileiros o ebó é um sacrifício votivo dedicado a um orixá ou oferenda feita em sua intenção.

escrevendo não negue o modo oral de ser. Minha escrita precisa ser oralidade para que se aproxime de outra cosmovisão. As tesouras vieram ao meu encontro.

Nos meses que antecederam a viagem recolhi cerca de 30 alianças, eu carregava um cesto de histórias e ouvia o campo áurico daqueles objetos: a tristeza de uma mulher que se suicidou, o desejo primordial da construção amorosa, a recuperação da saúde familiar, o rompimento de pactos e laços, o desejo pela liberdade e a necessidade de união. Eu carregava as vozes das memórias daquelas alianças. Uma aliança é por si um laço de amor e meu desejo era o de restituir naquelas memórias a epistemologia da sexualidade.

Os ossos da rainha estão enterrados na imensa catedral de Sevilha, era o que eu sabia - o resto e os rastros eu somente ouvia. Eu caminhava em suas antigas terras ouvindo guitarra sevilhana e os lamentos gitanos, mas seu nome propriamente dito estava apagado. Minha certeza de que bastasse ir na rua e perguntar para qualquer pessoa sobre Maria Padilha desmanchou-se em decepção. O máximo que encontrei foi seu o nome numa rua e uma casa de banho em seu castelo. Continuei minha busca e cheguei à igreja devidamente vestida de vermelho e negro, num traje costurado e rezado por aquela mesma amiga de nós duas narradoras, a Claudia Schapira. Ao meu lado estava minha prima Rachel Gonçalves, que aceitou a aventura, e juntas entramos numa imensa catedral onde haviam muitos mortos importantes e louvados na história da Espanha. Ninguém sabia de Maria Padilha. Foram necessárias algumas horas, muitas pessoas, funcionários locais, o Google e a Sorte para descobrir que Maria Padilha está enterrada na Capela dos Reis, cuja visitação é proibida. Então, passei algumas horas sentada com minha prima na frente da capela, analisando como invadiríamos aquele lugar. Mas fomos salvas de sermos presas por invasão ao patrimônio da humanidade por uma guia “turística”, que passou falando alto que a capela abre todos os dias às 08:00 para a sagração da santa missa. Agradecemos a pomba correio e retornamos no dia seguinte.

Às oito da manhã entramos na igreja, para o estranhamento de todas as beatas. O que fazia uma mulher carregando uma cesta de alianças vestida de preto e vermelho naquela missa? Seria lindo ler seus pensamentos para contar essa história, mas minha atenção estava focada no fato de me deparar com o local onde, concretamente, ficava o túmulo de Maria: atrás do altar feito a ouro onde estava o padre, protegido por uma corda, e sua entrada era proibida. Era preciso conversar com o inaudível e então tomei a hóstia, pedindo licença



para poder passar, não seria delicado invadir a casa dos outros, ao menos a invisível. Terminou a missa. Anunciaram que a Capela dos Reis fecharia suas portas em 15 minutos. O padre entrou na sacristia. Me levantei rumo ao túmulo. O padre voltou. Eu me sentei. Uma beata pediu a palavra ao padre e entraram na sacristia e eu fui – levada – até o túmulo onde dorme o corpo de Maria e fiz minha entrega. Voltei ao banco da igreja e o padre ao altar. Tudo durou no máximo 2 minutos. Em mim a alegria da transgressão se acendeu como a vela que o sacristão, atropalhado com minha entrega, se esqueceu de apagar.

VER VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=Q34-RdZEsIA>

Ainda me abismava o fato de que a memória de Maria Padilha estava apagada ou reduzida a amante assassina, na sua própria cidade onde viveu. Decidimos continuar a entrega através de meu corpo-terreiro, atualizando o mito em mais um rito. Rachel, a prima que me acompanhava, é uma artista que prepara noivas para o sonhado dia e viajava com um dos seus vestidos nupciais em sua mala - a ela foi atribuída a função de guardiã e cambone<sup>8</sup>. Decidimos que meu corpo seria a reza e a revisão histórica. Estava na hora de visitar o castelo onde morou a rainha que foi coroada morta e, que por essa mesma fatalidade, faltou à cerimônia de seu próprio casamento. Rachel me preparou noiva, e num vestido longo e branco eu cheguei para visitar Maria.

Talvez pela alegria que pungia aquele castelo tropical, talvez pela minha empolgação nuns passos de danças, talvez porque Rachel fotografava como uma artista, ou mesmo porque no meu sorriso já se ensaiava uma gargalhada, fomos expulsas. A segurança local brutalmente nos expulsou, porque éramos artistas tirando fotografias. Desde que cheguei na Espanha me esforçava para ouvir Maria, mas somente ali consegui escutar a clara gargalhada me pedindo para padilhar<sup>9</sup>: “minha casa fica na rua, vai para lá e será bem tratada pelos meus”. E assim foi, para alegria de nossos corpos, que a rua nos ofereceu horas de liberdade. Entrei para o álbum de viagem de muitas pessoas que me fotografavam e

---

<sup>5</sup> Nos ritos de terreiro, o cambone tradicionalmente auxilia a incorporação do médium e a sua comunicação, podendo inclusive participar da preparação que antecede o rito. Sua função pode variar de acordo com a casa espiritual.

<sup>6</sup> O verbo “padilhar” nos foi apresentado no texto “Quem tem medo de Pomba Gira ?” de Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas, a quem agradecemos e continuamos a girar o verbo para virar carne.



gritavam: “viva a noiva!”. Se ouvir é recordar, acordei Maria Padilha falecida, vitalizei o pulso de alegria em meu corpo e fui bando na rua. Dei vida à noiva morta!

VER VÍDEO

<https://www.youtube.com/watch?v=esG66Og5SaU>

Padilha é a vitalidade e o pulso erótico da vida e pode ser pensada em termos ecologistas, reconsiderando o corpo e o ambiente em equilíbrio, fomentando a colaboração ao invés da dominação e respeitando todas as formas de vida. Acabando com a demanda patriarcal de que mulher é competitiva, revisamos: competitivo é o capitalismo onde nossos corpos foram expostos, venenoso é o projeto inquisitorial, vaidoso é o projeto genocida. Dou viva à noiva morta!

...

*Pois então, se Maria Padilha, Rainha de Castela, era versada em magia, pra quem ela rezava?*

Peço licença a Lilith, Maria Madalena, Kali, Afrodite, Ísis, Ishtar e todas as Mães do Instinto, pois ela certamente louvava a vós.

Mães do Instinto, irradiadoras das gargalhadas que liberam prazer de viver e debocham das tentativas do decrépito patriarcado de submeter força de vida, Senhoras de Mistérios e da Criação, Donas de Vaginas Dentadas, Mulheres-Pássaro, Mitos Serpente de cosmogonias afroameríndias, a vós ofertamos esta história inventada:

A serpente do fundo da terra desliza tão fundo que é negra húmus, tão fundo que toca o miolo da Terra, que é lava incandescente. A serpente que desliza e toca a incandescência está tão dentro, cordão umbilical do útero do planeta, que é origem e Mistério.

Mistério de vida, mistério de morte, de vida-morte-vida. Por isso, nunca se dá a conhecer por inteiro, aliás, nem mesmo um pedaço. Só fagulhas. Quem já viu uma fagulha, nada pode dizer sobre ela. Está dito.

Mas ela também não pode ser esquecida. Sob risco de o mundo, simplesmente, acabar. Pois ela é fonte, magma, princípio e fim, caldeirão dos sonhos e do vir a ser - se esquecida, o mundo desencanta. Mas os seres nunca esquecem: os corvos, as folhas,



rinocerontes e anêmonas, árvores e lagos, corça e borboleta, ninguém nunca se esquece. Quem se esquece são as pessoas.

Por isso... **Pomba Gira!** Por isso correm com as gentes as guardiãs mensageiras. Vitalizadoras. Incendiárias. Sinalizando que a Mãe está viva, deslizando sob nossos pés. Guardadoras de seus segredos. Só elas veem quando a Mãe alça voo, pois vira pássaro... já passou.

Pombagira ri. E nos lembra dos limites: não vá se queimar no vermelho incandescente. Não vá se perder no abismo dos mistérios. Não vá esquecer que isso é o que gera, aquece, transforma e anima. Faz o lá virar cá, o cá virar lá. Uroboros.

**Laroyê, Pombagira!!!**

### **Referências bibliográficas**

- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” in: \_\_Benjamim e a obra de arte: técnica, imagem, percepção. Tradução de Marijane Lisboa e Vera Ribeiro; org. Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DE CARVALHO, Aleksandra Stambowisky. “Na Boca de Quem Não Presta – Pontos cantados de Pombagira, uma proposta de análise”. Tese de mestrado CEFET/RJ, 2016.
- DA COSTA, Oli Santos. “A Pombagira *Ressignificação Mítica da Deusa Lilith*”, tese de mestrado PUC/Goiás, 2015.
- FEDERICI, Silvia. “Calibã e a bruxa, mulheres, corpo e acumulação primitiva”. São Paulo: Elefante, 2017.
- MEYER, Marlyse. “Maria Padilha e toda a sua quadrilha: de amante de um rei de castela a Pomba-Gira de Umbanda”, São Paulo, Edusp, 1993.
- MURARO, Rose Marie in KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. “O martelo das feiticeiras”. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 2015.



RUFINO, Luis & SIMAS, Luis. “Fogo no Mato: as ciências encantadas da macumba”. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUZA, Laura de Mello e. “O Diabo na Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial”. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

LORDE, Audre. “Usos do erótico: o erótico como poder”. Traduzido por tate ann de “Sister outsider: essays and speeches”. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.